

O afeto que se encerra: urbanização, movimentos, encontros e conflitos afetivos

EDUARDO AUGUSTO TOMANIK*

Resumo: O objetivo do texto será evidenciar e ilustrar como a multiplicidade de interações propiciadas pelos meios urbanos dá origem a processos afetivos complexos e frequentemente contraditórios. Para isto, explorará três conjuntos de fenômenos psicossociais: a) as representações, expectativas e promessas de construção de formas de vivência igualitárias e harmoniosas que estiveram presentes nos momentos de construção e de desenvolvimento dos meios urbanos; b) as diferenças dos processos afetivos vivenciados por quem sempre morou e conviveu nas grandes cidades e por aqueles, originários de outros ambientes sociais, que se vêm atraídos ou obrigados a passar a viver nelas e também os processos simultâneos de satisfação/ insatisfação e de pertencimento/ estranhamento gerados pelos contatos diários de seus moradores na metrópole e com ela e c) algumas das condições atuais que propiciam o surgimento e a exacerbação de afetos como o medo e a agressividade nos grandes centros urbanos.

Palavras-chave: afetividade; urbanização; topofilia.

The affection that ends: urbanization, movements, encounters and affective conflicts

Abstract: The purpose of the paper is to highlight and illustrate how the multiplicity of interactions propitiated of the urban areas gives rise to complex and often contradictory affective processes. For this, it will explore three sets of psychosocial phenomena: a) the representations, expectations and promises of forms of egalitarian and harmonious experience that were always present in the construction and development of urban areas; b) the differences in affective processes experienced by two groups: those ever lived in big cities and those are originating in other social environments and have been drawn or forced to live in them, and also the simultaneous processes of satisfaction / dissatisfaction and belonging / estrangement generated by daily contacts of its residents in the metropolis c) some of the current conditions that favor the emergence and exacerbation of emotions such as fear and aggression in large urban centers.

Key words: affection; urbanization; topophilia.



* **EDUARDO AUGUSTO TOMANIK** é Doutor em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil(1993). Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (PPI/UEM).



Talvez não haja, no âmbito das chamadas Ciências Sociais, campo mais controvertido que o dos estudos sobre os processos que são chamados de emoções ou sentimentos. É provável que nenhum outro conjunto de objetos de estudos tenha gerado tanto interesse, tantas publicações e tantas divergências teóricas. Autores diferentes, partindo de pressupostos diferentes, têm apresentado dezenas e dezenas de formulações teóricas e mesmo de definições básicas que são não apenas divergentes mas, por vezes, incompatíveis com outras.

Para não nos perdermos neste oceano de teorias, vamos adotar, aqui, uma definição ao mesmo tempo, simples, ampla e profunda, proposta por Heller (1979/ 2004), segundo a qual

Sentir significa estar implicado em algo (...) Esse “algo” pode ser qualquer coisa: outro ser humano,

um conceito, eu mesmo, um processo, um problema, uma situação, outro sentimento... outra implicação. Que eu esteja implicado em algo não significa, de modo algum, que este “algo” seja um objeto determinado concretamente. Por exemplo, pode haver desejo ou temor “sem objeto” (ansiedade). Mas o “algo” com o qual estou implicado, por indeterminado que seja este pensamento é, em qualquer caso, algo presente (p. 15- 16)¹.

¹ Sentir significa estar implicado en algo. (...) ese “algo” puede ser cualquier cosa: otro ser humano, un concepto, yo mismo, un proceso, un problema, una situación, otro sentimiento, otra implicación. El que yo esté implicado en algo no significa de ningún modo que “algo” sea un objeto determinado concretamente. Por ejemplo, puede ser un deseo o temor “sin objeto” (ansiedad). Pero el “algo” en que estoy implicado, por indeterminado que sea tal pensamiento, es en cualquier caso algo presente.

Em outras palavras, sentimos por que algo nos afeta; por que algo produz, em nós, alterações que são, ao mesmo tempo, fisiológicas, disposicionais, comportamentais e intelectuais. Por isto prefiro usar, a partir de agora, o termo afetos.

Vivendo em sociedade, aprendemos a interpretar o mundo a partir dos conhecimentos e explicações, das convenções e dos valores desenvolvidos e compartilhados pelos membros dos grupos dos quais fazemos parte (BERGER; LUCKMANN, 1985; MOSCOVICI, 1978 e 2004). Além disso, em função de nossas histórias, capacidades e interesses individuais, sempre mesclamos, em nossas relações com cada objeto, pessoa, fato ou processo, os conhecimentos desenvolvidos e as normas instituídas por nossos grupos de convivência, com interpretações de cunho pessoal.

Tudo isto implica em que jamais nos relacionamos com algo tal como ele é, como um dado bruto. Todas e cada uma de nossas relações são estabelecidas com fenômenos, ou seja, com elementos ou processos que já foram e que continuam sendo interpretados por nós. Em outras palavras, e voltando ao nosso tema, o que nos afeta é sempre algo dotado de um conjunto de significados socialmente elaborados e de sentidos desenvolvidos e atribuídos por nós, individualmente (VYGOTSKY, 1991). Por isto, o algo que nos afeta, como diz Heller (1979/ 2004), é sempre presente; por que nós o tornamos presente, mesmo que ele seja apenas uma lembrança ou mesmo que jamais tenha existido.

A maior parte dos eventos, objetos e pessoas que nos afetam estão contidos no espaço imediato no qual vivemos e a partir do qual criamos ou extraímos nossas condições de vida. Podemos nos

relacionar com elementos situados em locais muito distantes de onde estamos ou vivemos e até fazemos isto com alguma frequência. No entanto, a inserção de nossos corpos no espaço e as necessidades que temos de nos relacionar com os elementos mais próximos fazem com que estes sejam considerados, por nós, como a realidade por excelência (BERGER; LUCKMANN, 1985).

Assim, o ambiente em que vivemos, seja ele constituído pelo que acreditamos (talvez com alguma ingenuidade) ser uma parte da natureza pouco modificada pelo homem, como uma praia isolada ou um espaço cercado por florestas, seja formado por um enorme conjunto de obras humanas, como o centro ou a periferia de uma grande cidade, é sempre fonte de inúmeros elementos que nos afetam. O próprio ambiente, como um todo, nos afeta, inevitavelmente. Novamente, aqui, tanto o espaço amplo quanto cada um dos elementos que o compõem passam por nossas interpretações e é com elas que nos relacionamos; são os significados e sentidos que atribuímos a eles que direcionam nossas ações e o modo como somos afetados pelos mesmos. Simultaneamente, cada um destes afetos produz ou pode produzir mudanças naquelas interpretações cognitivas, o que faz com que, na prática, significados, sentidos, ações e afetos sejam indissociáveis.

Para sintetizar estes efeitos que o ambiente, ou partes deles, produzem em nós, Tuan (1974/ 2012) criou o conceito de topofilia.

A palavra “topofilia” (...) pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade,

sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: (...) pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz mas, muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra, Mais permanentes e mais difíceis de expressar são sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (TUAN, 1974/ 2012, p. 135- 136).

Neste seu último significado, mais estrito e mais intenso, a afiliação a um ambiente é um processo duplo, no qual o sujeito, em conjunto com seu grupo, atribui significados e sentidos ao espaço e aos seus componentes, transformando-os em elementos familiares e frequentemente úteis e, simultaneamente, passa a ver-se como participante e até mesmo como dependente deles.

No Brasil, processos como estes têm sido retratados como partes importantes na vida, na cultura e na constituição das identidades dos participantes do que Diegues (1996) chama de populações tradicionais, que incluem, por exemplo, alguns grupos indígenas, populações ribeirinhas, alguns grupos extrativistas e de pescadores artesanais que, vivendo de forma relativamente isolada “(...) desenvolveram modos de vida particulares que envolvem grande dependência dos ciclos naturais, conhecimento profundo dos ciclos biológicos e dos recursos naturais, tecnologias patrimoniais, simbologias, mitos e até uma linguagem específica (...)” (p. 14-15).

Com intensidades diferentes, laços deste tipo podem facilmente ser encontrados em populações rurais, mesmo naquelas

que vivem mais próximas e que mantêm contatos mais intensos e frequentes com os meios urbanos.

No entanto, a proporção de pessoas que vivem fora dos meios urbanos vêm diminuindo drasticamente. Bomfim (2015) lança a afirmação de que cerca de 80% da população mundial vive nas cidades e especialmente nas cidades de grande porte.

O que podemos dizer, então, dos afetos produzidos pelos habitantes dos espaços urbanos e especialmente dos aglomerados de maior porte, em relação ao espaço que ocupam? Se os habitantes dos lugares menos habitados podem estender seus afetos no espaço (por campos, matas, praias, montanhas) e no tempo (por estações ou gerações), o que será possível para os habitantes dos grandes centros urbanos, encerrados em espaços limitados por tijolos, concreto, metais e permanentemente instigados por noções e exigências de tempos cada vez menores, contados não a partir dos ciclos naturais, mas das exigências do mercado aliadas aos avanços da tecnologia? Podemos ou devemos supor a existência de afetos encerrados (não no sentido de finidos, de não mais existentes), mas no de enclausurados, aprisionados ou limitados?

Minha intenção, neste texto, é a de levantar e explorar, com a brevidade que o texto permite, algumas das possibilidades afetivas abertas pelas vivências nas grandes cidades ou pelas expectativas dessas vivências, ao longo de 3 eixos. O primeiro, composto pelas representações, expectativas e promessas (nunca cumpridas) de construção de formas de vivência igualitárias e harmoniosas que estiveram presentes, historicamente, nos momentos de construção e de desenvolvimento dos meios urbanos. O segundo, abrangendo as diferenças dos

processos afetivos vivenciados por quem sempre morou e conviveu nas grandes cidades e por aqueles, originários de outros ambientes, que se vêm atraídos ou obrigados a passar a viver nelas e combinando estas diferenças aos processos simultâneos de satisfação/insatisfação e de pertencimento/estranhamento, gerados pelos contatos diários de seus moradores na metrópole e com ela. No último, pretendo abordar algumas das condições atuais que propiciam o surgimento e a exacerbação de afetos como o medo e a agressividade nos grandes centros urbanos.

As expectativas geradas pela existência das cidades

Ao longo da História, os grupos nômades e mesmo as pequenas comunidades agrícolas estiveram sujeitos a formas imprevisíveis e frequentemente tensas de convivência (ou de confronto) social e de contato com a natureza. Frente a este quadro, o crescimento gradativo dos pequenos aglomerados humanos ou mesmo a construção planejada de cidades vieram acompanhadas de expectativas de que esta nova maneira de ocupação do espaço representasse também um novo modo de vida, no qual as incertezas e riscos anteriores dessem lugar às condições de ordem, harmonia e previsibilidade. A cidade “(...) representa a maior aspiração da humanidade em relação a uma ordem perfeita e harmônica, tanto em sua estrutura arquitetônica como nos laços sociais (TUAN, 1979/ 2005, p. 231).

É interessante notar, por exemplo, como os termos associados às maneiras de vida nas cidades foram usados como base para a elaboração de uma série de adjetivos de conotação positiva, em contraste com os adjetivos quase pejorativos, derivados da vida no campo

ou nas matas e aos comportamentos considerados como típicos dos moradores destes ambientes:

... campo na sua raiz latina (*rus*) originou rústico, rude, rudimentar, isto é, tosco, grosseiro. Na sua raiz grega (*agrós*) originou agressividade, agre, isto é, acre, que significa áspero, agressivo. (...) Em contrapartida, cidade, na sua raiz latina (*civitas*) gerou civilização, civilizado, civil, cívico, civilidade. E na sua raiz grega (*polis*) originou político e polido, que significa aperfeiçoado, alisado, portanto, o contrário de áspero e também atencioso, cortês, civil, isto é, o contrário de agressivo (SAVIANI, 1986, p. 75).

No mesmo sentido, Tuan (1979/ 2005, p. 209) destaca que

desde o tempo de Aristóteles, “cidade”, para os filósofos e poetas, representou a comunidade perfeita. Os cidadãos viviam na cidade; os servos e vilões [moradores das vilas] viviam no campo. A cidade do homem, onde o bispo tinha a sua sede, era uma imagem de uma cidade de Deus: no campo longínquo ou sertão estavam os sertanejos; e no distrito rural ou vila (*pagus*) estavam os campônios ou pagãos.

Além de propiciar condições de subsistência, de trabalho e de lazer qualitativamente superiores à vida nos campos, o espaço das cidades abria também a possibilidade de formas de coexistência baseadas em códigos de direitos, capazes de promover a igualização dos cidadãos e de garantir a eles o direito à participação ativa nas decisões políticas. O exemplo clássico, neste caso, é o da democracia ateniense, que passou a ser adotada posteriormente, com alterações, em outras das cidades-estado gregas.

Na prática, ainda que tenham influenciado decisivamente as transformações dos modos de vida das coletividades humanas ao longo de séculos e que ainda recebam considerável aceitação, nenhuma destas expectativas jamais cumpriu-se plenamente.

Do ponto de vista da participação política, já em sua origem as ideias sobre a participação coletiva nas tomadas de decisão traziam severas limitações, se analisadas a partir de algumas das concepções atuais sobre aquele tema:

Freitag (2002), por exemplo, faz uma crítica à utopia da polis grega no sentido em que, apesar de haver uma participação nas organizações políticas das pequenas cidades autônomas, cidades-estado, tal participação limitava-se aos cidadãos membros da polis. Estavam fora as mulheres, os jovens, os escravos e os estrangeiros (BOMFIM, 2010, p. 30).

As expectativas de que as cidades servissem como fontes de proteção de seus habitantes contra as ameaças naturais, por sua vez, deram lugar às constatações de que o próprio modo de vida urbano, além de oferecer riscos aos seus habitantes constitui-se, hoje, na grande ameaça ao equilíbrio ecológico e às perspectivas de sobrevivência da espécie humana e da natureza do planeta, ao menos como a conhecemos.

As cidades atuais são responsáveis pelo consumo de três quartos da energia mundial e provocam pelo menos três quartos de contaminação total. São lugares de produção e de consumo da maioria dos produtos industriais. As cidades se converteram em parasitas dentro da paisagem, grandes organismos que absorvem energia do planeta para

sua manutenção. São consumidoras e agentes de contaminação incansáveis (BOMFIM, 2015, p. 376).

As regras de convivência pacífica (civilizada) e de igualdade de direitos são frequentemente desrespeitadas. A cada dia exemplos e mais exemplos destes desrespeitos povoam os noticiários e as redes sociais, provavelmente no mundo todo. Atos terroristas e desmandos de dirigentes confundem-se com as várias formas de criminalidade e de outras transgressões, fazendo com que as diferenças entre as seções de notícias políticas e policiais dos grandes jornais, impressos ou não, venham tornando-se cada vez menores. Assim, “viver nas grandes cidades hoje, onde 80% da população mundial vive, é um grande desafio para a sustentabilidade, a convivência e a justiça social” (BOMFIM, 2015, p. 379).

Entretanto, o sonho ou a aparente inevitabilidade de continuarmos a viver nas grandes cidades fazem com que inúmeras tentativas da chamada re-humanização destes espaços sejam lançadas e empreendidas. Projetos e tentativas ambiciosas, de grande impacto, custo e abrangência combinam-se a intervenções locais e imediatas, revelando a existência, ainda, de desejos e esperanças de que as cidades venham a ser o que esperávamos delas e que provavelmente nunca foram. A cidade não nos alegra e conforta como esperávamos, e no entanto, parafraseando Vinicius de Moraes e Carlos Lyra, é preciso tentar, mais que nunca é preciso tentar, é preciso mudar e alegrar a cidade. Como fazer isto é uma questão que exige, de cada um, preocupações, reflexões e ações urgentes.

Ser ou não ser da cidade: eis a questão?

Para este tópico, vamos considerar a existência de ao menos dois grupos polares de moradores dos grandes centros: aqueles que nasceram ou que lá residem há tempo suficiente para sentirem-se “em casa” e o que são recém chegados. Vamos tomar a liberdade de pensar estes grupos de modo dicotômico e idealizado, assumindo os riscos e as falhas desta opção, mas apenas por que não teríamos condições de refletir sobre todas as nuances de diferenciação que podem existir entre aqueles dois extremos.

Os processos e os modos de inserção dos sujeitos nas grandes cidades parecem ser elementos determinantes para o direcionamento dos afetos gerados por este convívio e não é difícil perceber por que: há enormes diferenças entre estarmos e nos sentirmos no “nosso” meio e num espaço físico e social que nos é (e para o qual somos) estranho.

Estas diferenças podem tornar-se mais acentuadas em função dos motivos que nos levam a trocar o nosso ambiente familiar por outro, diferenciado. Os afetos produzidos por uma mudança desejada provavelmente serão distintos dos associados a uma mudança involuntária ou indesejável. Nem sempre será possível, porém, distinguir claramente o desejo (uma disposição pessoal) da necessidade (uma condição externa, independente do sujeito). Vamos explorar dois exemplos destas condições.

Antes, porém, penso ser importante incluir aqui uma ressalva sobre um detalhe metodológico. Utilizarei, em seguida, alguns trechos retirados de composições musicais. Não podemos confundir o conteúdo de obras como

estas com depoimentos pessoais ou relatos de vivências e não pretendo que eles exerçam a função de indicadores empíricos de minhas formulações teóricas. Eu os incluí apenas como elementos de ilustração e eles devem ser reconhecidos dentro destes limites.

De volta ao nosso tema, o crescimento exponencial das grandes cidades indica que, por uma série de razões, elas vêm atuando como polos de atratividade; pessoas dirigem-se e passam a viver nelas movidas por suas necessidades e esperanças. Esta atratividade, com frequência, aparece associada a fatores que tornam o ambiente de origem inadequado ou pouco desejável.

Um processo como este é relatado, por exemplo numa composição chamada Cantata de Santa Maria de Iquique. Num primeiro momento, o camponês, personagem da narrativa, apresenta as duras condições de vida que ele e seu grupo enfrentavam, vivendo entre as montanhas e os desertos salgados do norte do Chile, nos quais o calor e o frio intenso se alternam, mas as dificuldades de sobrevivência são constantes: “o grande sol do deserto/ e o sal que nos queima./ O frio das solidões,/ a névoa espessa, a noite longa./ Fome de pedra seca/ e gemidos que ouvia./ A vida de morte lenta/ a lágrima que caia”² (LUIS ADVIS (a)).

Diante deste quadro, a ida para a cidade grande (no caso, Iquique) constituía, ao mesmo tempo, a única saída aparente e uma esperança profunda de melhoras. Mesmo que esta mudança envolvesse

² El sol en desierto grande/ y la sal que nos quemaba./ El frío en las soledades,/ camanchaca y noche larga./ El hambre de piedra seca/ y quejidos que escuchaba./ La vida de muerte lenta/ y la lágrima soltada (Tradução do autor. Neste caso e nos semelhantes, por tratar-se de obra poética, optei por um processo de tradução mais livre).

dúvidas e medos, estes precisavam ser superados.

Vamos mulher/ partamos para a cidade/ Lá tudo será diferente/ não há por que duvidar/ Não há por que duvidar/ confia, você vai ver/ que em Iquique/ todos vão entender/ (...) Dizem que Iquique/ é grande como um deserto de sal/ que há muitas casas lindas/ você vai gostar/ Você vai gostar, confie/ como que Deus existe/ Lá no porto tudo/ vai ser melhor³ (LUIS ADVIS (b)).

Num contexto cultural e econômico muito diferente, cargas semelhantes de desejo e de esperança de mudanças movem o personagem de outra canção (bem mais conhecida): um artista, acostumado a atuar em pequenas cidades do interior que sonha tornar-se famoso e, para isto, precisa mudar-se para a metrópole.

Comece a espalhar a notícia/ Estou partindo hoje/ Eu quero ser parte dela/ Nova Iorque, Nova Iorque/ (...) Eu quero acordar na cidade/ que nunca dorme/ e descobrir que sou o rei do pedaço/ o melhor de todos/ Estas canções nas pequenas cidades do interior/ já não me satisfazem/ Eu farei um novo recomeço nela/ Na velha Nova Iorque/ Se eu conseguir lá/ Eu conseguirei em qualquer parte (...)⁴

³ Vamos mujer,/ partamos a la ciudad./ Todo será distinto,/ no hay que dudar./ No hay que dudar,/ confia, ya vas a ver,/ porque en Iquique/ todos van a entender./ (...)/ Dicen que Iquique es grande/ como un salar,/ que hay muchas casas lindas,/ te gustarán./ Te gustarán, confia,/ como que hay Dios,/ allá en el puerto todo/ va a ser mejor.

⁴ Start spreading the news/ I'm leaving today/ I want to be part of it/ New York, New York/ (...) I wanna wake up in a city/ That doesn't sleep/ And find I'm king of the hill/ Top of the heap/ These little town blues/ Are melting away/ I'll make a brand new start of it/ In old New York/ If I can make it there/ I'll make it anywhere.

(JOHN KANDER; FRED EBB).

A ida para o grande centro (e ainda que o adjetivo grande tenha significados quantitativos bem diferentes, em cada um dos exemplos) pareça ser mais uma opção livre, no segundo caso, e quase como inevitável, como se não houvesse opções; no primeiro. No entanto, ambas envolvem um grau de decisão, um posicionamento pessoal, dotado de expectativas.

Parece claro que a proporção da materialização (ou não) destas esperanças será um fator decisivo para o direcionamento dos afetos produzidos pelos personagens ou sujeitos, em suas futuras relações com o novo ambiente. Conquistar condições melhores e mais satisfatórias ou ser condenado a condições ainda piores que as anteriores são elementos que farão toda diferença sobre como o sujeito sentirá a cidade e como sentir-se-á, fazendo parte dela.

Há outros fatores que poderão influenciar ou que certamente influenciarão na constituição afetiva deste processo de inserção no grande centro. Um deles deve ser constituído pela existência de graus maiores ou menores de diferenciação cultural entre o ambiente de origem e o do destino. A passagem de uma cidade de médio porte, já relativamente inserida nos modos de vida e de relacionamentos típicos dos centros maiores, para um grande centro urbano provavelmente produzirá menor sensação de estranhamento e de desconforto que uma mudança brusca, realizada num prazo curto, de uma pequena comunidade rural para uma megalópole.

Outro fator que pode ter peso, especialmente mas não apenas neste último caso, é a existência e a disponibilidade, na cidade de destino, de pessoas ou grupos que possam servir de elementos auxiliares na

ressocialização do recém chegado. Parentes ou conhecidos, de preferência que tenham vivenciado experiências semelhantes de mudança, podem atuar como elementos de ligação com as novas condições de ação e de relações; podem atuar como uma espécie de tradutores das novas informações e como introdutores do sujeito à este novo espaço físico e social. Poderão, assim, contribuir para que a adaptação do novo morador seja mais rápida e menos cercada de tensões.

A ausência de facilitadores como estes, por sua vez, provavelmente contribuirá para a ocorrência de dois processos complementares: o apego às formas de ação e de relacionamento sociais típicos do ambiente anterior, e que eram adequados àquele contexto; e o aprofundamento dos estranhamentos do novo morador em relação aos demais e destes em relação à ele.

Por ser de lá/ do sertão, lá do cerrado/ lá do interior do mato/ da caatinga do roçado/ eu quase não saio/ eu quase não tenho amigos/ eu quase que não consigo/ ficar na cidade sem viver contrariado/ Por ser de lá/ na certa por isso mesmo/ não gosto de cama mole/ não sei comer sem torresmo/ Eu quase não falo/ eu quase não sei de nada/ sou como rês desgarrada/ nessa multidão boiada caminhando a esmo (DOMINGUINHOS; GILBERTO GIL).

As vivências e convivências cotidianas, as experiências e os aprendizados podem contribuir para uma espécie de diluição destes estranhamentos e a elaboração de formas adaptativas de contato, que frequentemente preservam elementos das práticas e elaborações anteriores, tornando-os mais próximos dos que são mais típicos do novo ambiente. Por outro lado, a não efetivação de adaptações como estas

praticamente condenará o novo morador a manter-se como que à margem do ambiente urbano e a sofrer com isto.

Condições bem diferentes são as vivenciadas por aqueles que já nasceram nos grandes centros urbanos. Para estes, a cidade ou partes dela são o “seu” ambiente, ali estão o seu passado, os marcos que reavivam suas memórias e os elementos que contribuíram para a construção de suas identidades.

Venha ver/ venha ver Eugênia/ como ficou bonito/ o viaduto Santa Efigênia/ Venha ver/ Foi aqui/ que você nasceu/ Foi aqui/ que você cresceu/ Foi aqui que você conheceu/ o seu primeiro amor/ Eu me lembro/ que uma vez você me disse/ que um dia que demolissem o viaduto/ que tristeza, você usava luto/ arrumava sua mudança/ e ia embora pro interior/ Quero ficar ausente/ O que os olhos não vê/ o coração não sente (ADONIRAM BARBOSA; ALOCIN).

Se, por um lado, esta sensação de pertencimento facilita o contato com o meio urbano e favorece o desenvolvimento de afetos favoráveis a ele, por outro, em qualquer dos grupos que consideramos, os graus de satisfação ou não das expectativas pessoais pode, novamente, ser o ponto de partida para a existência de sentimentos de rejeição e de desejos de abandono daquele meio. Processos semelhantes aos que movem os que se dirigem dos pequenos para os grandes centros podem ocorrer e frequentemente ocorrem também com os moradores das grandes urbes. A cidade que atrai é mesma que rejeita.

Como é comum no campo dos afetos, tudo pode ser e pode não ser. Não há por que supormos a existência de afetos polarizados em uma só direção. Bomfim (2010), estudando moradores de São Paulo e de Barcelona encontrou, nos

mesmos, manifestações afetivas, expressas através de imagens e de discursos, simultaneamente favoráveis e desfavoráveis em relação às suas cidades.

Tanto Barcelona quanto São Paulo foram representadas como polos de grande atração, mas ao mesmo tempo como cidades que geram mal-estar e sufoco. Uma das imagens encontradas, a de *contrastes*, que provoca uma ambiguidade de sentimentos em seus habitantes, entre a atração que uma cidade grande proporciona (gostar) e o alto custo que se tem que pagar por morar nela (mal-estar). É uma imagem associada às grandes cidades, causada pelo excesso de estímulos, obstáculos de circulação, estresse, mas que tende a um certo equilíbrio pelas oportunidades e atratividades oferecidas (BOMFIM, 2010, p. 160-161).

Viver nas grandes cidades, hoje

Vista através de um prisma ideal, “a cidade libera os seus cidadãos da necessidade de trabalhar incessantemente para manter seus corpos e do sentimento de impotência diante dos caprichos da natureza” (TUAN, 1974/ 2012, p. 209). Esta afirmação não deixa de ser correta. No entanto podemos considerar, também, que a vida nas metrópoles envolve, especialmente nas condições atuais, a submissão de seus moradores a condições muito próximas àquelas que visava superar.

Boa parte das atividades de trabalho, hoje, têm seus horários de início e de conclusão previamente delimitados. Isto, idealmente, permitiria ao trabalhador dispor do restante do seu tempo para outras atividades, tais como o convívio familiar, o lazer e mesmo o aperfeiçoamento profissional ou

pessoal. No entanto, o tempo necessário para os trajetos entre a casa, o trabalho e os locais de realização de atividades de estudo ou lazer fazem com que, na prática, todas aquelas possibilidades fiquem bastante limitadas.

Em muitos casos, o cumprimento de uma jornada de trabalho de 8 horas diárias implica em que o trabalhador utilize 10 ou 12 horas de seu tempo, em função das dificuldades do transporte. Se considerarmos, ainda, que a utilização dos equipamentos de comunicação possibilita, muitas vezes, que o trabalhador se mantenha conectado com seu trabalho praticamente em tempo integral, veremos que o tempo efetivamente livre tende a ser um bem bastante escasso.

Se é verdade que as estruturas urbanas nos fornecem, em larga escala, proteção contra fenômenos naturais, também é fato que estas próprias estruturas, por descuido, mal planejamento ou saturação, são a fonte de inúmeros riscos. Acidentes de trânsito, incêndios, desabamentos, inundações, são apenas alguns dos exemplos de situações que colocam em risco a integridade física e afetiva dos moradores dos grandes centros (e, com frequência, mesmo dos centros de menor porte).

Podemos somar à estes os riscos causados pelas ações de outros moradores: assassinatos, assaltos, furtos, agressões e formas desrespeitosas de competição são atos frequentes e que contribuem (ainda mais se combinados a fatores como os que citamos antes) para o surgimento, a manutenção e a ampliação de sentimentos de medo, desânimo e impotência. Assim, o outro, que poderia constituir todo um conjunto de oportunidades, se transforma, de fato ou em nossos pensamentos, numa ameaça, um elemento a mais de temor.

As práticas que constituem o modo de vida atual envolvem outra série de fatores que podem contribuir para tornar a vida urbana bem menos agradável. Nunca tantas pessoas viveram tão próximas de tantas outras e provavelmente nunca estiveram tão isoladas. A proximidade física, tão intensa que é, muitas vezes, sufocante, não vem favorecendo o estabelecimento de relações de aproximações e de trocas.

Por um lado, a multidão é o outro, o desconhecido, o ameaçador. Ela própria, como conjunto, é uma ameaça. Por outro lado, os recursos eletrônicos e as redes sociais, que nos permitem manter contato com pessoas que estão muito distantes e que talvez nem existam da forma como se apresentam, também nos mantêm afastados dos que estão espacialmente mais próximos. A frequência, a duração e a importância afetiva atribuída aos contatos virtuais nos tornam menos hábeis, menos capazes de nos relacionar com aqueles que estão fisicamente próximos e que se apresentam a nós de formas menos mediadas. A felicidade perene e incondicional que aparece nas telas, feita de pontos luminosos e imagens é, ao mesmo tempo, um cruel contraste, uma triste reafirmação e uma forte contribuição para a manutenção da mesmice e da falta de atrativos da vida feita de células e de corpos. Isto, provavelmente, nos incentiva a voltar ao mundo virtual, mais isento de frustrações e de riscos, mesmo que desprovido de materialidade, realimentando o ciclo de isolamento e insatisfação.

O “... solitário andar por entre gente”, de Camões, adquire um novo significado, na vida da metrópole.

Outras considerações

Afetos são processos complexos e frequentemente contraditórios: desejo e desprezo, medo e atração, dor e prazer, que parecem opostos e excludentes, com frequência nos aparecem como complementares e indissociáveis. Podemos amar e odiar a mesma pessoa ao mesmo tempo. Além disso, por vezes, aquele ódio só existe em decorrência e enquanto durar o que consideramos amor.

Não há limites para a diversidade de afetos que podem existir. Ao mesmo tempo, dispomos de uma lista muito pequena de nomes para eles, o que torna muito difícil identificar, delimitar e compreender aqueles com os quais nos deparamos. Some-se a isto o fato de que provavelmente jamais qualquer ser humano vivencia um afeto isolado de outros e termos uma ideia das dificuldades que cercam os estudos neste campo.

As grandes cidades são também fontes de processos contraditórios, como vimos. Idealizadas como geradoras de proteção e conforto são, também e simultaneamente, ameaçadoras e estressantes. Espaços e construções dotados de significados, potencialidades e limitações, ações e relações sociais plenas de intenções, expectativas e interpretações, trajetórias passadas e perspectivas futuras formam emaranhados de contradições que desafiam as tentativas de simplificação. O lugar urbano não é apenas tudo aquilo que construímos, coletivamente, mas também é aquilo que sentimos diante do que ele faz de nós e para nós, e diante do que desejamos e que fazemos dele e nele.

De uma perspectiva aristotélica e sociológica, a cidade não são “paus e pedras”, mas uma complexa sociedade de pessoas heterogêneas

vivendo perto umas das outras. Idealmente, pessoas de diferentes procedências habitam em harmonia e usam seus diferentes dons para criar um mundo comum. (...) Porém, a heterogeneidade é também uma condição que incentiva o conflito. Durante sua história a cidade tem sido oprimida pela violência e pela ameaça constante do caos (TUAN, 1979/2005, p. 251).

A cidade atrai e expulsa, acolhe e rejeita, protege e ameaça, sustenta e mata. Cada relação do ser humano com o espaço físico (que, lembremos, é sempre interpretado), com seus semelhantes ou consigo próprio envolve processos afetivos que normalmente não são unidirecionados e inequívocos. A equação das relações entre os afetos e a vida nos grandes centros urbanos, se é que pode ser estabelecida, deve envolver um número indefinido de contradições elevado a outro número, também indefinido, de outras contradições.

Não há portanto, como tipificar, catalogar e muito menos prever todos os afetos que são ou serão gerados por estes encontros e confrontos de subjetividades e de elementos arquitetônicos. Podemos, talvez, pensar possibilidades, rever e antever tendências, buscar perceber frágeis regularidades, como fizemos aqui.

Nada garante, porém, que elas se cumpram ou se mantenham. Caso ocorram, não podemos nem devemos esperar que isto se mantenha sempre ou em todos os casos semelhantes. O viaduto querido por um pode ser visto como ameaçador por outro, ou até pelo mesmo, depois de uma nova experiência. O migrante pode sentir-se maravilhado e feliz por finalmente estar no lugar que desejava, mesmo que este lugar possa parecer desagradável a

alguém que nasceu ali.

Podemos pensar nestes afetos; temos que estar preparados e atentos, porém, para a possibilidade de nos depararmos, em algum momento, com “(...) o avesso do avesso, do avesso, do avesso” (CAETANO VELOSO).

Referências

- BERGER. P. L; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985
- BOMFIM, Z. A. C. Afetividade como potência de ação para enfrentamento das vulnerabilidades. In: LIMA, A. F.; ANTUNES, D. C.; CALEGARE, M. G. A. (Orgs.). **A Psicologia Social e os atuais desafios ético-políticos no Brasil**. Porto Alegre: ABRAPSO, 2015. P. 375- 389. Disponível em http://www.encontro2015.abrapso.org.br/download/download?ID_DOWNLOAD=458. Acesso em 06/04/2016.
- BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e afetividade – Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- HELLER, A. **Teoría de los sentimientos**. Barcelona/ Cidade do México: Fontamara/ Coyoacán, 2004 (1979).
- MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar: 1978
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais - Investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2004
- SAVIANI, D. *Educação, cidadania e transição democrática*, em COVRE, M. de L. M. **A cidadania que não temos**, São Paulo: Brasiliense, 1986
- TUAN, Y-F. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005 (1979).
- TUAN, Y-F. **Topofilia – Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: EDUEL, 2012 (1974).
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente – O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Canções

ADONIRAN BARBOSA e ALOCIN. **Viaduto Santa Efigênia**. Disponível em <https://www.letras.mus.br/adoniran-barbosa/188525/>. Acesso em 14/04/2016.

CAETANO VELOSO. **Sampa**. Disponível em <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/41670/>. Acesso em 14/04/2016.

DOMINGUINHOS e GILBERTO GIL. **Lamento sertanejo**. Disponível em <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/46212/>. Acesso em 14/04/2016.

JOHN KANDER E FRED EBB. **New York, New York**. Disponível em <http://www.vagalume.com.br/frank-sinatra/new-york-new-york-traducao.html#ixzz47VAuFgI7>.

Acesso em 14/04/2016.

LUIS ADVIS. **Cantata de Santa Maria de Iquique**. Canción I. Disponível em <http://www.cancioneros.com/nc/202/0/cancion-i-luis-advis>. Acesso em 14/04/2016.

LUIS ADVIS. **Cantata de Santa Maria de Iquique**. Canción II (Vamos Mujer). Disponível em <http://www.cancioneros.com/nc/203/0/cancion-ii-o-vamos-mujer-luis-advis>. Acesso em 14/04/2016.

VINICIUS DE MORAES e CARLOS LYRA. **Marcha da quarta-feira de cinzas**. Disponível em <http://www.vagalume.com.br/toquinho-e-vinicius/marcha-de-quarta-feira-de-cinzas.html#ixzz47WrsAZhK>. Acesso em 14/04/2016.